

A relevância de Aparecida para as Ciências Sociais.

(Prof. Me. Anderson Moreno)

Estar atualmente no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida-SP, significa estar inserido em um imenso contexto histórico, repleto de um emaranhado de fatos, que ocasionaram aquilo que é, hoje, o maior símbolo da fé Católica brasileira. Está se falando da devoção a uma Santa que, há quase trezentos anos, foi encontrada nas águas do Rio Paraíba do Sul – na região conhecida por Vale do Paraíba paulista – mais precisamente, num porto chamado Itaguaçu. O romeiro que chega a Aparecida, por meio das suas romarias programadas, ou por veículo próprio, não imagina a quantidade de peregrinos que já estiveram por aquela localidade prestando o seu culto, nem muito menos, a relevância política que muitos creditaram – e outros tantos ainda creditam – a esta devoção que influencia grande quantidade de fiéis espalhados pelo país.

A fé que boa parte do povo brasileiro possui no poder sobrenatural desta imagem transpassa quase três séculos, e a realidade social dos brasileiros, à época em que esta escultura foi achada, não se difere muito da lógica de desigualdades sociais em que significativa parcela da população brasileira está inserida. As similitudes existentes no devocionismo popular católico brasileiro de outrora – época em que se deu o início da devoção à chamada Santa Aparecida – e da atualidade, nos faz refletir que o grande número de fiéis que participam, ou que propagam esta devoção à Nossa Senhora Aparecida, representam uma significativa parcela da sociedade brasileira. Isso demonstra que, tanto para o catolicismo nacional, quanto para a política brasileira, esta crença em Aparecida possui grande relevância.

Tais dificuldades enfrentadas pelas populações, tanto da primeira metade do século XVIII, quanto agora, na primeira metade do século XXI, possuem características que favoreceram o crescimento dessa devoção à Santa Aparecida, pois, em ambos os casos o povo sente a necessidade de ter em que se apegar durante os períodos de dificuldades enfrentadas no decorrer da vida. Muitas pessoas buscam na religião as respostas que não são capazes de formular para muitas das perguntas e acontecimentos que surgem em seu cotidiano. Sendo assim, a solução para tudo é direcionada a um ser

diferente, no caso, algo, ou alguém, com poder de fazer acontecer o impossível, o improvável. O sociólogo francês Émile Durkheim, em sua clássica “Formas Elementares da Vida Religiosa”, apresenta que a religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro (DURKHEIM, 1996).

O fenômeno religioso das romarias a Aparecida emerge, então, dessa lógica de apego a uma divindade que, segundo a narrativa do encontro da imagem, surge no meio de uma parcela bastante pobre e necessitada da população local da Vila de Guaratinguetá. A divulgação de tal mito miraculoso, em que a imagem de Aparecida foi encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul, e a falta de cuidados das lideranças políticas locais com parte esquecida do povo carente da região, fez com a devoção à santa se desenvolvesse de tão grande forma. Desde o momento em que Felipe Pedroso, um dos pescadores que encontraram a Santa, levou a imagem à sua casa, inicia-se uma série de visitas de fieis que desejavam se encontrar com a figura desta divindade aparecida.

Realizando um levantamento histórico-social acerca do contexto em que se deu o encontro da imagem da Santa, e, ao mesmo tempo, traçando as características locais das pessoas que se dispuseram a acreditar nesta representação de divindade, vemos que os contextos políticos, sociais, e até geográficos, possibilitaram o desenvolvimento desta devoção, bem como a influência ocasionada graças à aceitação e equiparação das histórias de vidas dos fieis com a aparência da imagem da Santa. A relação existente entre a cor negra da imagem, com a dor da poluição afrodescendente – até então escravizada – permeará a devoção popular na Santa, protetora dos sofredores, e mãe dos desfavorecidos.

O fluxo de visitantes da Santa teve significativo aumento, o que tornou a casa de Felipe Pedroso, e posteriormente de seu filho, Atanásio Pedroso, um ambiente pequeno que não suportaria abrigar tamanha quantidade de devotos que desejavam conhecer Aparecida. A localidade onde a imagem foi encontrada trata-se de um local onde havia grande fluxo de pessoas. A região da Vila de Guaratinguetá se encontra em um caminho de passagem ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, além de ser trajeto de traslado das riquezas oriundas das Minas Gerais, também para o Rio de Janeiro. Os viajantes que passavam pela região, logo tomaram conhecimento da devoção que se praticava pela

Vila de Guaratinguetá: de uma santa negra, encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul, e que possuía fama de milagreira.

Não demorou muito para que esses viajantes espalhassem ainda mais a devoção à Santa Aparecida, o que fez com que o número de visitantes aumentasse ainda mais. Não só “pessoas de passagem” chegavam à casa dos Pedroso, mas, também, algumas peregrinações para possível visitação à Santa passaram a ser desenvolvidas. A casa de Atanásio Pedroso já não suportava mais tanta gente. Foi então que ele idealizou a construção de um oratório para abrigar a imagem da Santa, e para acolher os visitantes que chegavam a região para rezarem diante da imagem de Aparecida. Com a construção do pequeno oratório, a crença das pessoas nessa divindade deixou de ser algo doméstico, ou regional, e passou a ser mais abrangente, ou seja, outros puderam ter conhecimento desta devoção, e, ainda, puderam ter acesso ao local onde se encontrava o objeto concreto de tal crença.

O alcance da fama da Santa demorou a “chegar aos ouvidos” do clero local. Só passaram a dar atenção à devoção a partir do momento em que perceberam que diminuiu a quantidade de fiéis que iam para as missas na igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá, ao mesmo tempo em que descobriam que o número de pessoas que visitavam o oratório da Santa continuava aumentando (ALVAREZ, 2014). Até que, a instituição Igreja Católica oficial passou a olhar a devoção à Santa Aparecida com “outros olhos”, aceitando esta devoção no ano de 1743, e, ao mesmo tempo, buscando organizar e chefiar o culto dedicado a ela, oficialmente, Nossa Senhora Aparecida (ALVAREZ, 2014). O vigário de Guaratinguetá, de nome José Alves Vilela, foi quem se interessou – primeiramente enquanto observador – em compreender como tal prática devocional se dava, visitando o oratório e conversando com os fiéis, e, posteriormente como agente que promoveu o primeiro contato entre a instituição Igreja, e a devoção que as pessoas possuíam na imagem encontrada no rio, e que se tratava de algo ainda não oficial (autorizado pela Igreja Católica).

Tal aceitação aconteceu, quando o vigário produziu um relatório com depoimentos e dados históricos colhidos de pessoas que conheciam a devoção à Santa, e defendiam que milagres estariam acontecendo por intermédio da imagem. Assim, formulou-se formalmente o pedido de reconhecimento da hierarquia católica, até que houve a provisão autorizando o culto a Nossa Senhora Aparecida, tendo o vigário de

Guaratinguetá, a responsabilidade de administrar liturgicamente o culto a imagem, e também, gerenciar o local onde a Santa fosse ficar. Foi então que, após obter autorização do bispo do Rio de Janeiro, o vigário padre Vilela, construiu uma capela a Nossa Senhora Aparecida, em 1745.

Para a população da Vila de Guaratinguetá, a crença no mito do encontro da imagem da Santa, e a devoção do povo que por ali morava, e, também dos viajantes que por ali passavam, instigou o interesse das pessoas da região de também fazer parte do corpo de membros da comunidade local, fazendo, como nas palavras de Brandão, a “opção por um santo mais milagreiro”, abandonando a sua igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá, e optando pelo oratório da Santa Aparecida. Esta opção do povo por uma divindade diferente, e por outro ambiente de culto, fez com que a hierarquia católica tomasse alguma atitude. Visando viabilizar a devoção à Santa ao credo católico oficial, e incorporar o templo onde a imagem se encontrava aos domínios do vigário local, este ficaria com a responsabilidade de administrar tanto a igreja de Santo Antônio quanto à sua nova capela de Nossa Senhora Aparecida.

Qual atrairia maior público? Não importa, pois, para atender às demandas do povo, o padre tomara a decisão correta para atender “gregos e troianos”: promoveria muitas procissões levando a imagem da Santa Aparecida, até a igreja de Santo Antônio. Para que isso? Talvez para não perder a sua freguesia fixa, e, ao mesmo tempo, reforçar, em seus paroquianos a ideia de que a devoção a esta divindade seria viável e aconselhável a todos, por se tratar não mais de uma crendice popular ribeirinha, mas sim, de um ícone mariano, reconhecido pelo Catolicismo oficial brasileiro e, posteriormente, mundial.

Uma das exigências que deveriam ser acolhidas, para que a nova capela da Santa fosse construída, foi a de que deveria ser erguida em um ambiente que propiciasse o surgimento – ao redor da igreja – de um povoado, onde as pessoas pudessem construir suas residências, já pleiteando, no futuro, o surgimento de uma nova vila, ou, talvez, uma nova cidade, por que não? E assim aconteceu. A igreja foi construída, e trouxe consigo o surgimento de uma pequena vila que se formou por um grupo de pessoas que passaram a trabalhar em função da recepção dos peregrinos que vinham de muitos lugares da região, para visitar a capela e, conseqüentemente, a imagem da Santa. A infraestrutura para receber estes visitantes, com a nova localização da capela,

passou a ser preparada, sendo possível a construção de pousadas e restaurantes, tudo para favorecer a estada daqueles devotos que viriam de longe, e, necessitariam permanecer um período maior na região, em vista de terem um momento de descanso.

Dessas casas de hospedagem, algumas eram de propriedade da “capela d’Aparecida”, ou seja, ficavam sob a responsabilidade de administração daqueles que, porventura, fossem os “gestores” da capela – sendo religiosos, ou leigos. Outras eram de propriedade de algumas pessoas que passaram a ver na presença dos muitos visitantes que chegavam à cidade, a possibilidade de poderem obter dinheiro em função de um trabalho desenvolvido na região próxima à capela. Já à época, muitos foram os que abandonaram as suas atividades empregatícias e migraram para a região onde a capela da Aparecida fora construída, passando então a trabalhar em função da devoção popular à Santa Aparecida.

Olhando tal fato por um olhar durkheimiano, podemos dizer que estas pessoas passaram a trabalhar em função do *Sagrado*. Segundo Émile Durkheim (1996), todo pensamento religioso caracteriza-se por uma divisão bipartida do universo, ou seja, todas as crenças religiosas conhecidas, simples ou complexas, apresentam uma característica em comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos: o sagrado e o profano (DURKHEIM, 1996). A utilização de uma situação “sagrada”, em busca da obtenção de dinheiro, pode ser vista enquanto uma forma de profanação deste sagrado, pois, a ressignificação da fé, deixando de ser vista enquanto uma crença, e passando a ser analisada enquanto instrumento de arrecadação de dinheiro, faz com que haja a existência de algo distinto da questão do Sagrado apresentada por Durkheim.

Se, nas palavras de Durkheim, há uma divisão bipartida entre gêneros opostos, podemos afirmar, então, que a situação existente e comentada sobre a ressignificação do Sagrado, acaba se tornando uma condição Profana sendo imposta a devoção popular à imagem da Santa de Aparecida. Sendo assim, tem-se início, na futura cidade de Aparecida, as primeiras demonstrações do lado *Profano* da devoção que as pessoas têm à Santa Aparecida.

Donizete Rodrigues (2013), em “*O que é religião? A visão das Ciências Sociais*” apresenta que “*a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir em um mesmo espaço. Portanto, para a manifestação do sagrado é preciso haver um local especial*

onde o profano esteja excluído. Daí a instituição de templos e santuários” (RODRIGUES, 2013, p.55). Nesta apresentação de ambiente sagrado, Rodrigues mostra que existem definições que elucidam as manifestações sagradas e profanas, ao mesmo tempo em que demonstra suas possíveis exemplificações; no caso, a construção da capela da Aparecida mostra que ali se concentrariam as celebrações e ritos devocionais, que estariam relacionados a questão do sagrado; ao mesmo tempo, observamos que, as construções das primeiras pousadas, “restaurantes”, e estábulos, estariam representando as noções que se têm sobre a questão profana, onde haveriam ganhos financeiros oriundos dos gastos que os visitantes estariam tendo, naquele período histórico, com a sua peregrinação, e manifestação de devoção àquela divindade representada na imagem de Aparecida.

Todavia, Aparecida se mostrou importante não para os ditos “devotos”, mas também a muitos que se aproveitaram da relevância que os fiéis davam à devoção que possuíam, para se enriquecerem a custa das esmolas oferecidas pelos fiéis à Santa. Alguns autores, como o redentorista padre Júlio Brustoloni, e o jornalista Rodrigo Alvarez, demonstraram que, em várias oportunidades os administradores leigos – membros da política local dos séculos XVIII e XIX – usurparam donativos direcionados à Santa para seus usos pessoais. Assim, a mesma Aparecida que era tratada como possível “solucionadora” de problemas enfrentados pelos devotos – que creditavam à crença no poder desta imagem à resolução de suas dificuldades – era tida como “financiadora” daqueles que viam na devoção popular um grande meio de enriquecimento.

Entretanto, houve ainda outra forma de aproveitamento da devoção popular à Santa Aparecida: àquela na qual a Igreja Católica no Brasil se utilizou da referência que a crença na Santa de Aparecida possuía para realizar uma no catolicismo brasileiro do final do século XIX. Após o fim do regime do padroado, o alto clero brasileiro apropriou-se da importância do Santuário de Aparecida, para utilizá-lo como fonte de renovação para o catolicismo brasileiro recém-saído do regime do padroado – no qual estava submetido aos interesses do Império. Aparecida se tornou um instrumento de (re) catequização dos católicos brasileiros, por se tratar de um ambiente propício à divulgação dos interesses do “novo” catolicismo pretendido de ser apresentado aos católicos, de acordo com a ideologia dos bispos reformadores católicos brasileiros.

A grande quantidade de fieis que visitavam Aparecida correspondia a uma significativa amostra da população Católica brasileira. Portanto, iniciar esta referida readequação do catolicismo popular brasileiro – por vezes supersticioso – começando por Aparecida, representava grande avanço nas ambições dos religiosos brasileiros. Para desenvolver tal trabalho, foram convidados a zelar do Santuário de Aparecida os religiosos da Congregação do Santíssimo Redentor – conhecidos por redentoristas – que tinham experiência no pastoreio em Santuários da Europa.

Como proposta para a realização desta “nova catequização”, os religiosos que trabalhavam em Aparecida idealizaram as chamadas “romarias programadas”, que eram excursões organizadas pelas dioceses brasileiras – a principio vindas de trem, e, posteriormente de ônibus – em que devotos da Santa eram levados ao Santuário, em peregrinação, visando se aproximarem do que os redentoristas europeus tinham para ensinar sobre a verdadeira fé Católica. A estratégia das romarias não consistia apenas em (re) catequisar os que lá se encontrassem, mas, também, que se espalhassem tais ensinamentos a outras pessoas em suas paróquias (ou comunidades católicas), sobre aquilo que fora apreendido durante a estada em Aparecida.

Novamente, relacionando os acontecimentos do passado, com os panoramas atuais, é possível observar que, a cada ano, o fluxo de visitantes no Santuário de Aparecida tem aumentado, e, a hierarquia católica vê nesse cenário a possibilidade de implementar aquilo que for de seu interesse para o catolicismo nacional. Os encontros de bispos brasileiros, que aconteciam no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Itaici, hoje acontecem em Aparecida. Ou seja, a alta cúpula do catolicismo brasileiro aproveita-se da relevância de Aparecida para o catolicismo brasileiro para tomar suas decisões, como que para chancelar as diretrizes traçadas, e demonstrar que, mais uma vez, os direcionamentos da religião Católica, no Brasil, partem de Aparecida para o restante do país. Além disso, o penúltimo presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) foi o Cardeal Raymundo Damasceno Assis, então Arcebispo de Aparecida.

Outra amostra da relevância de Aparecida para o catolicismo brasileiro se dá no fato de que os últimos três líderes do catolicismo mundial – ou seja, os Papas – ao visitarem o Brasil, passaram por Aparecida. João Paulo II, em 1980, Bento XVI, em 2007, e Francisco, em 2013, fizeram a sua voz ecoar pelo Brasil através de Aparecida.

Francisco, inclusive, chegou a demonstrar interesse em estar na solene celebração dos 300 anos do encontro da imagem da Santa, que acontecerá em 2017. Entretanto, o instável cenário político brasileiro desencorajou a presença do Papa, novamente, nas terras de Aparecida. Mas, apenas a menção desejosa de sua Santidade em estar na terra da Padroeira do Brasil, já demonstra a relevância de Aparecida ao catolicismo, não só brasileiro, mas, mundial.

Também como outrora, à devoção a Nossa Senhora Aparecida não parte apenas por parte do clero, mas, também, por parte de autoridades políticas. Alguns presentes foram oferecidos, por parte dos governantes, à imagem da santa (assim como no século XVIII e XIX): uma coroa de ouro oferecida pela princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, uma torre construída com dinheiro público ao lado do Santuário que se encontrava em construção, e que foi doada pelo presidente Juscelino Kubitschek, e uma passarela construída pelo presidente militar Artur da Costa e Silva.

Atualmente, não são raras as vezes em que políticos se utilizam de Aparecida, e sua importância para o catolicismo brasileiro, para realizarem suas aparições públicas: candidatos à Presidência da República, aos governos estaduais, às câmaras federal e estaduais, além do Senado Federal visitam Aparecida, principalmente no dia em que acontece a festa dedicada à Santa (12 de outubro) cuja data corresponde a um feriado nacional. Mesmo o Brasil se tratando de um Estado Laico, desde a Proclamação da República, ainda assim existe um feriado religioso como este, e que chama a atenção daqueles que deveriam ser os primeiros a defender esta prerrogativa do Estado Laico. Neste caso, o mais importante para possíveis políticos, é o fato de se ter a sua imagem pessoal ligada à imagem da Santa Aparecida, deixando de lado aquilo que vigora na Constituição.

A finalidade política continua. Nas últimas três eleições presidenciais, os candidatos que disputavam o segundo turno das eleições para chefe do executivo nacional (Lula e Geraldo Alckmin, em 2006, Dilma e José Serra, em 2010, e novamente Dilma e Aécio Neves, em 2014) visitaram Aparecida nos dias 11 e 12 de outubro, respectivamente nos três anos citados, para fazerem de sua visita uma espécie de propaganda política, graças à quantidade de pessoas que se encontravam no Santuário de Aparecida nesses dias, e da repercussão “positiva” que essa visita poderia gerar.

Quanto aos interesses econômicos, muitos são os que ainda obtêm o seu sustento graças a visitação à cidade. Todavia, não apenas oferecimento de pouso, estacionamento, e ambiente para alimentação, mas, para o oferecimento de qualquer produto que as pessoas necessitarem. A feira de Aparecida, local onde muitos aparecidenses, e habitantes de cidades da região, montam suas barraquinhas e ali oferecem os mais variados produtos (na sua maioria falsificados) para que seja comprado pelos visitantes. Sendo assim, Aparecida possui, continuamente, seu valor econômico por fazer com que muitos lucrem com sua devoção.

Portanto, é possível observar que Aparecida foi, e continua sendo de grande relevância para o contexto religioso, político e social do Brasil. Estar em Aparecida representa se encontrar abrigado pela Santa e apadrinhados por ela para tomar importantes decisões, ou ainda, receber o sustento de suas famílias, ou ambições, no caso daqueles que ainda enriquecem em função desta devoção. Entretanto, acima de tudo, estar em Aparecida significa respirar História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Economia, Ciência Política, ou outras possíveis Ciências Sociais que refletem sobre o fenômeno devocional presente nesta pequena cidade do interior paulista, mas, gigante centro religioso mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, R. (2014). *Aparecida. A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil*. 1ª ed. São Paulo. Globo.

BRUSTOLONI, J. (1979). *A Senhora da Conceição Aparecida. História da Imagem, da Capela, das Romarias*. 2ª ed. Aparecida-SP. Editora Santuário.

DURKHEIM, E. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Martins Fontes.

RODRIGUES, D. (2013). *O que é religião? A visão das Ciências Sociais*. 1ª ed. Aparecida-SP. Editora Santuário.

